

Fundamentos da disciplina escolar sob um novo enfoque. Vivência em democracia. Uma experiência que dá certo!

"A *indisciplina* é filha dileta do autoritarismo."

José Pacheco

A indisciplina é o foco de todas as preocupações. Quer de professores, quer de pais, quer mesmo das próprias crianças/adolescentes enquanto alunos. Com uma experiência vivida em democracia, prefiro falar de disciplina, (na perspectiva apontada por Pacheco nas suas falas, nos seus escritos e que acima cito.)

De fato, ao nos focarmos na indisciplina, só procuramos encontrar estratégias repressivas. E aí, enquanto responsáveis criamos regras, cartas de princípios, normas, etc.... para que sejam cumpridas. Em geral, todas as frases que as compõem começam por É proibido, ou pela palavra: NÃO... Apresentamos um conjunto de atitudes não aceitas e passamos a elencar as punições a que estão sujeitos os não cumpridores. Só que nos esquecemos de um pormenor muito importante: aqueles que vão viver dentro dessas regras, também têm algo a dizer. Não é assim que acontece, ou deveria acontecer num Estado democrático?

Foram muitos os anos de um Estado repressivo. Todos lutamos pela constituição de uma democracia onde TODOS tivéssemos direito a falar, a opinar, a votar, a escolher... porque continuamos dentro dos nossos corações a manter atitudes que não são em nada aquilo em que acreditamos? Ou não acreditamos? Não será esse o exercício que, constantemente teremos que fazer?

É dentro do edifício escolar que podemos analisar uma micro cultura de sociedade que desejamos construir. E quando, enquanto educadores nos refugiamos nesse espaço fechá-mo-lo. Será que estamos ajudando nossas crianças/adolescentes, a saber viver numa sociedade que cada vez mais se expande, ainda que virtualmente?

Fechamos a cadeado a escola. Andamos a toque de campainha. Transformamos as nossas escolas em presídios, lugares onde os movimentos são monitorados, restritos e por isso movimentos condicionados, sem reflexão, sem participação, sem atitude crítica. Lugares onde os “presos” alimentam o sentimento de revolta e ignoram o sentido de dever e só reivindicam direitos. A experiência que irei relatar, da Escola da Ponte em Portugal, vem provando ao longo dos tempos que é possível fazer diferente. Não que seja um modelo a seguir porque os contextos onde as relações humanas ocorrem são diferentes de lugar para lugar. E mesmo dentro do mesmo espaço social as situações são estudadas, refletidas e pensadas continuamente. Não há movimentos estáticos. Torna-se necessário desconstruir o conceito que damos ao utilizar a palavra modelo, método.

A experiência da Escola da Ponte prova aquilo que muitos teóricos já vinham estudando e partilhado ao longo da História e que, por exemplo, Freinet experienciou na sua vida de professor. É possível sempre fazer diferente desde que nos sintamos instigados a questionar as nossas práticas, o instituído eousemos passar a uma ação praxiológica.

A sociedade portuguesa e a região onde a escola se localiza não têm o grau de violência existente no Brasil. É um fato. As crianças não se sentem tão inseguras nas ruas. Mas isso não significa que a “violência” seja grau zero. Ela também está latente no ser humano. Trabalhar esse SER dentro de cada pessoa (aluno, professor, pai, agente educativo...) foi a estratégia que nos debruçamos para poder promover a transformação social que tanto almejamos.

Maria de Fátima Pacheco